

PALESTRA PROFERIDA PELO DR. OLAVO, EM 13/04/81, NA REUNIÃO-
DO ROTARY CLUB

A Empresa e a Política

Meus Caros Rotarianos,

A entidade de vocês tem uma longa história de fraternidade. Já fiz parte dela e conheço o espírito de generosidade que está por trás desta acolhida: um ideal de servir à comunidade, auxiliando-na decisivamente na construção de uma ordem mais justa e saudável. Um ideal de engrandecimento do país, contribuindo para o fortalecimento de valores democráticos no âmbito de uma sociedade aberta.

Por isso mesmo, envaidecido pelo convite que me foi feito, considero-o como uma grande responsabilidade. Mais do que isso, como uma obrigação de honrar a tradição desta Casa, valendo-me do meu duplo papel de empresário e político para dialogar um pouco sobre a crise dos dias atuais.

Todos devem saber que esta é uma hora de desarmamento de espíritos e de mobilização, tendo em vista os esforços necessários para que a tarefa da democratização do País possa ser cumprida em meio a profundas dificuldades econômicas atuais. Tarefa essa que exige intensa participação política de cada um de nós, para que possamos reconciliar o Estado com a sociedade civil.

Temos diante de nós um Estado incapaz de formular, implementar e executar uma ampla discussão sobre as prioridades nacionais num período marcado pela inflação, pelo desequilíbrio das contas externas e pela dependência energética. Um Estado que, pelo isolacionismo autoritário, vê-se reduzido a uma situação de impotência, sem conseguir cumprir de modo satisfatório o seu papel de harmonizar os conflitos sociais e promover o bem-estar de nossa gente.

Do mesmo modo, na medida em que assistimos o fortalecimento das organizações sindicais, das entidades de Classe, dos movimentos comunitários, das associações liberais e dos partidos oposicionistas, temos diante de nós uma sociedade civil politicamente amadurecida, almejando a conciliação das liberdades públicas com programas de reforma social.

A crise do petróleo, a recessão das economias capitalistas avançadas e a ruptura do padrão-ouro do dólar comprometeram o nosso êxito econômico e com isso ruíram as bases de aceitação do governo instalado em 1964.

Por isso mesmo, a abertura política é consequência dessa crise econômica. E é esse o motivo pelo qual dificilmente as dificuldades econômicas poderão conduzir a novo retrocesso autoritário. Afinal, elas só podem ser enfrentadas e resolvidas com amplo apoio popular - e isso somente será conseguido com a continuidade do processo de democratização.

Eis aí, meus amigos, o ponto que mais deve chamar nossa atenção para o desdobramento da crise brasileira: a necessidade do governo interpretar e traduzir os atuais anseios da sociedade com suficiente firmeza e liderança para fazer as reformas estruturais tão aguardadas por todos nós. Um governo aberto para o Brasil real e não fechado em si próprio.

Evidentemente, por mais difícil que seja o momento atual, isso não significa que o país esteja condenado para a inviabilidade política e para a moratória econômica. No entanto, que fique nossa constatação: não há clareza e sentido de prioridade nas metas de política econômica. Não há propostas concretas para o futuro, como também não existem maiores esforços governamentais em se reorganizar internamente para melhorar sua própria capacidade gerencial.

Portanto, diante dos alarmantes índices de desemprego, esta não é a hora de dispersar energias em preocupações menores. Diante da violência urbana ou da marginalidade nordestina, este não é o momento de tentar esconder as dificuldades e de desprezar a inteligência dos brasileiros.

Meus caros rotarianos,

Sei que estou usando adjetivos fortes. Mas sei, igualmente, que estou respeitando a verdade dos fatos. Pois o que me assusta é o caráter às vezes retórico que muitas autoridades procuram imprimir ao processo de liberalização. As mesmas autoridades que, diariamente prestando informações desencontradas, podem comprometer a promessa do Presidente da República de fazer deste país uma democracia.

O que nos deve inquietar, nesse sentido, é o fato de que a distensão política não está acompanhada da abertura econômica. Em matéria de economia, saúde, previdência, alimentação e habitação, as decisões continuam sendo tomadas pelos amanauenses travestidos de tecnocratas.

A descapitalização crescente da iniciativa privada face à irrealidade de uma confusa legislação econômica, gerou a perda de sua autonomia. Politicamente, ela de há muito perdeu sua capacidade de influência. E, economicamente, já não tem poder nem mesmo de decidir sobre seus investimentos, tamanha a dependência governamental.

Todos vocês, aqui presentes, conhecem com clareza e precisão a dimensão exata desses riscos. Pois, como profissionais liberais, empresários dos mais diversos portes e assalariados de nível superior, também vivem esse clima de incerteza, insegurança e temor quanto ao futuro. Só que, infelizmente, contam com o agravante da lucidez e da consciência exata das consequências nefastas a que me refiro.

Diante desse cenário, portanto, não nos restam muitas alternativas. E a melhor delas, em condições de canalizar a crise brasileira rumo a uma ordem econômica mais justa continua sendo o dever da participação nos mais variados níveis de atividade política.

A meu ver, somente uma participação de todos os segmentos da sociedade é que poderá restabelecer um clima de confiança. Uma participação livre e desimpedida, somando

contribuições e esforços capazes de permitir reformas estruturais dentro de um parâmetro de viabilidade política e econômica. Uma participação coordenada e harmonizada pelos novos partidos em formação, habilitando-os a exigir do governo maior credibilidade, respeito e representatividade de seus quadros funcionais.

Em suma, uma participação intensa e sem suspeições ou idiossincrasias, que parta de diálogos concretos e efetivos rumo a uma fórmula institucional legítima capaz de viabilizar este país, fixando prioridades, definindo instrumentos de ação e distribuindo de modo mais justo as quotas de sacrifício.

Meus caros rotarianos,

Convencido de que a sociedade não pode continuar como simples expectadora de um Estado isolado de sua gente, permitam-me terminar. Talvez tenha ultrapassado os minutos que, gentilmente, concedem aos seus convidados. Porém, se lhes tomei um pouco de seu tempo na defesa de um ideário liberal, é porque estou convencido das palavras de um antigo estadista deste país, o falecido ministro San Tiago Dantas.

Ele costumava dizer que a estabilidade social, a soberania econômica e a ordem democrática estão, sempre, vinculadas a uma única condição. Isto é: à nossa capacidade de negociar, politicamente, um pacto que canalize os conflitos inerentes à sociedade capitalista em desenvolvimento, sem descuidar nem das liberdades públicas nem da justiça sócio-econômica.

Hoje, entre nós, há plena consciência de que nossas instituições precisam ser reformadas em função de um novo acordo institucional. Lutemos por esse acordo, a fim de que as alterações sejam efetuadas quando a grande maioria da opinião pública estiver convencida da validade de todas as medidas a serem tomadas.

Muito obrigado.